



## O NOME DA GALIZA

Óscar Valadares aprofunda na etimologia do nome do nosso país, expondo diferentes versões e mostrando a evolução da Callaecia até a atualidade. O autor também confronta os termos Galiza e Galicia, sendo o primeiro a forma correta e desenvolvida no galego-português e o segundo uma forma castelhana imposta como oficial.

## CRIAÇÃO

Susana Sánchez Arins volta ao Novas com um poema de corte invernal. Esta aragonesa é poeta, blogueira e professora, e foi galardoada com o XXI Prémio de Poesia Pérez Parallé pela obra *[de]construção*.

## CINEMA

Julio Vilariño analisa o festival Cineuropa, celebrado em Compostela no mês de novembro. O autor indica as diversas eivas do evento e critica, entre outros temas, o escasso cuidado existente no processo de digitalização dos filmes ou os problemas de som.

## A GALIZA NATURAL

# Os lobos-do-mar

João Aveledo

As Ilhas Lobeiras são um pequeno arquipélago situado frente à costa de Carnota. O topónimo, *a priori* pouco esperado para denominar ilhas, tem, possivelmente, a sua origem nos lobos-marinhos, a designação tradicional que os pescadores davam às focas.

No nosso imaginário, associamos estes mamíferos aquáticos, pertencentes à superfamília dos pinípedes, aos gelos polares, embora na própria Europa haja colónias muito mais ao sul.

Entre os meses de setembro e outubro parem as focas-cinzentas (*Halichoerus grypus*) nas grandes colónias existentes nas Ilhas Britânicas. Em menor número reproduzem-se também nas costas da Bretanha, nomeadamente nos arquipélagos de Molenez e ar Jentilez. Os filhotes permanecem com as mães até finais de novembro, sendo por isso relativamente frequente que a partir da segunda quinzena de dezembro e até a entrada da primavera cheguem às nossas águas jovens divagantes. Estas viagens fazem parte da es-

tratégia natural de dispersão dos juvenis, que, eventualmente, se podem ver arrastados por correntes marinhas ou por tempestades oceânicas. Desde 1990 até a atualidade, a Coordenadora para o Estudo dos Mamíferos Marinhos (CEMMA) registou a presença de uma centena larga de lobos-marinhos nas rias galegas, a maioria focas-cinzentas. No passado 1 de janeiro, observava-se na praia crunhesa do Orção o primeiro exemplar de 2013. E a 12 de janeiro via-se outra foca-cinzenta na praia de Foz. Talvez, a mesma que aparecia agonizante, dois dias mais tarde, na praia de Lhás do mesmo concelho marinhão. Muitas vezes, estes lobos-marinhos são encontrados num péssimo estado de saúde, debilitados por uma longa viagem, provavelmente, sem escalas e com percursos diários que podem chegar atingir os 65 km.

Mas não é a foca-cinzenta o único pinípede a visitar-nos. Menos habitual é a foca-de-crista (*Cystophora cristata*), própria das bancas que rodeiam o Canadá e a Groenlândia. Tem parecenças com a anterior, caracterizando-se os machos por possuírem uma cavidade nasal única e elástica situa-



da na parte superior da cabeça à maneira de capuz e com funções de ornamento sexual. Após a época de reprodução, que acaba em junho, estes lobos-marinhos abandonam o Ártico para realizarem grandes travessias à procura de peixe. No verão de 2006, registou-se a chegada de quatro destas foquinhas: uma arribou a Mugia, duas às praias barbançanas de Espinheiro e Caveiro e mais uma ao porto do Seixo, em Mugar dos. Em 2001, mais dois exemplares tinham aparecido nos areais cantábricos de Bares e Morouços

Podemos qualificar a foca-comum (*Phoca vitulina*), a foca-anelada (*Pusa hispida*), a foca-barbuda (*Erignatus barbatus*) e a morsa (*Odobenus rosmarus*) de raridades no litoral galego.

A foca-comum distribui-se amplamente pelo Hemisfério Boreal. Encontramos as suas colónias eu-

ropeias mais meridionais relativamente próximas, nas Ilhas Britânicas e na Normandia, mas por ser esta uma espécie costeira que não costuma adentrar-se no mar mais de 20 km, a sua presença entre nós é excepcional. Ainda assim, no inverno de 2012 uma fêmea adulta decidiu desfrutar de uma estadia de três semanas na Ria do Barqueiro.

As focas-aneladas, as focas-barbudas e as morsas são pinípedes próprios das águas circumpolares. Conhecemos citações antigas das duas primeiras. De morsa existem pelo menos dois registos. Um de 1939, ano em que uns marinheiros vigueses caçavam com arpão um exemplar, que depois seria exibido no Berbês. E outro de 86, quando um macho adulto foi visto o dia 23 de outubro na praia de Arnelhes, no concelho de Coanha. Com certeza, o mesmo macho que

permaneceu em Guipúscoa até janeiro de 87.

Temos conhecimento por fósseis, como os aparecidos na Gruta da Figueira Brava no Alentejo, que, há mais de 10.000 anos, durante a última glaciação, espécies nórdicas como pinguins-gigantes (*Pinguinus impennis*), mamutes (*Mammuthus primigenius*) ou focas-aneladas (*Pusa hispida*) povoavam a Península Ibérica. Mas existiram colónias de focas na Galiza em épocas históricas? Vagas referências em Lopes Seoane à presença de lobos-marinhos nos séculos XVIII e XIX, um topónimo que parece sugeri-lo... e pouco mais. Nada sabemos a ciência certa. Ora, há quinhentos anos o clima no Hemisfério Norte arrefeceu e esse abaixamento de temperatura prolongou-se até meados do século XIX. É o que os cientistas denominam Pequena Idade do Gelo. Não seria estranho se nessa Pequena Idade do Gelo as focas (cinzentas ou comuns) tivessem alargado a sua área de distribuição até às nossas rias.

Às avessas, agora que tudo parece indicar que vivemos um período de aquecimento, são precisamente as espécies boreais, como o galo-montês (*Tetrao urogallus*) ou o arau-comum (*Uria aalge*), as que, indefinidamente, nos abandonam.



EM TEMPOS

# O nome da Galiza

Óscar Valadares

Vivemos na Galiza. Esse é o nome do país por mais que haja quem aposte na forma espanholizada Galicia ou na equidistância ambígua de dizerem que ambas fórmulas —Galiza e Galicia— som galegas e, portanto, corretas. Estamos, sem dúvida, perante estratégias políticas, que têm pouco ou nada a ver com a questão puramente etimológica do nosso topónimo; mas que, porém, interferem de maneira certa nele.

## O significado da Galiza

Sobre a origem e o significado do topónimo Galiza têm-se dado inúmeras hipóteses. Algumas, como as que misturam fundadores míticos como o rei ateniense Gatelo e formas do tipo *Galo-Grecia*, resultam hoje particularmente risíveis, por mais que devam ser entendidas no seu contexto. A maioria dessas hipóteses consideram *Gallaecia* o étimo de referência e, com base na sua raiz \*gal- ou \*gall-, caminham à procura de ligações com personagens míticas cujo nome apresente o mesmo início, ou de povos que teriam invadido o território com etnónimos similares, como os gálatas ou os galos.

Porém, hoje sabemos como esta forma \*Gall- é posterior à forma *Callaecia*, com fonema /k/ inicial, que também aparece no grego *Kallaikia*, que neste caso é adaptação do latim e nom à inversa. Este dado é interessante para pôr em causa a explicação que aponta para o étimo grego *gála* (leite), e que alguns autores utilizaram para explicar tanto o nosso topónimo quanto o da Gália, por serem os seus habitantes de pele esbranxada como o leite. A hipótese, originária de Isidoro de Sevilha — *Etym.* 9.2.110— foi mantida até ao século XX em que é possível rastear a em Vicente Risco e em Outeiro Pedraio, com mais vontade do que recursos.

Alguns autores, seguindo uma linha mais científica e com referência no corpus reconstruído do indoeuropeu, aventuraram a possibilidade de uma origem no étimo indoeuropeu \*g(h)al- ‘poder, força’ (IEW), que dá em galês *galu* ‘poder’ em corno *gallos* ‘força’ em bretom *gal*, e inclusive em latim *ualens* ‘valente’ e derivadas.



E, conseqüentemente, propuseram um significado para o etnónimo *gallaeci* igual a ‘fortes, poderosos’, e, portanto, para a *Gallaecia* algo do tipo de ‘país dos fortes e poderosos’.

Hoje, por enquanto, resulta perfeitamente claro que as formas com /k/ som anteriores às variantes com /g/ em toda a romania ocidental, o que deixa claramente como referência *Callaecia*. A pesquisa indoeuropeia com inicial /k/ já foi apresentada por Carlos Búa em 1997 no “Dialectos indoeuropeos na franxa occidental hispânica” através do étimo \*kel- ‘dureza, protuberância’ com sufixação \*kal-n-eH2 ‘montanha’. Esta sufixação permite descrever o surgimento do /l/ geminado por assimilação da nasal anterior: -ln- > -ll-, à vez que a sufixação \*(a)ik- comum para os etnónimos nos situa, por fim, na pista de \*kal-n-aik > \*kallaik > *callaeci*, cujo significado poderia ser “gente da montanha”. Se for assim —e hoje é esta a hipótese menos discutida desde a filologia e a etimologia— *Callaecia* não seria outra cousa que o

**Resulta perfeitamente demonstrado que as formas com /k/ som anteriores às variantes com /g/ em toda a romania ocidental, o que deixa como referência *Callaecia***

“país da gente das montanhas” com sufixo derivativo já claramente latino -ia.

Outra opção nessa mesma origem \*kel- poderia dar-se mediante sufixação \*kel-l, hoje rastejável em formas eslavas do indoeuropeu com o significado genérico de ‘elevado’ o que, pola sua vez, poderia passar facilmente a significar ‘sagrado’. Caridad Arias aposta nesta hipótese e outros autores reforçam a ideia com a documentação relativa à presença de uma deusa-mae Cal-leach que, porém, tem origem documentada no território da actual Irlanda e extensões em Gales e Escócia, mas nom tam

a sul. Definitivamente, a opção de Carlos Búa, apoiada por outros etimologistas como J. J. Moralejo, parece a mais plausível.

## Galiza ou Galicia?

Para aventurarmos as hipóteses sobre a origem e o significado do nome do país foi necessário reconstruir desde *Callaecia* para trás no tempo. Sabemos já, ou podemos ter uma ideia do que o topónimo significa, mas nom é essa toda a polémica que trai consigo. Desde *Callaecia*, a evolução linguística tem também produzido avanços, originando uma forma galega —Galiza— e outra castelhana —Galicia— feita passar por galega e convertida em denominação oficial.

A evolução fonética *Callaecia* > Galiza nom apresenta dificuldades. Antes ao contrário, segue pautas normativas de evolução. Em primeiro lugar, operou-se a transformação *Callaecia* > *Callacia* por monoptongação —ae— pronunciado /aj/ em /e/. Ainda em época romana, provavelmente, o fonema /k/ inicial, grafado C ou K,

A partir do tardolatino *Gallicia*, a evolução é Galiza para o galego-português, com simplificação da lateral geminada /l/ e com redução do ditongo -cia em -za

sonoriza em /g/, grafado G. Nessa altura também é que se produz o passo de *Gallecia* para *Gallicia*, no qual tem a ver a aproximação a formas como *gallicus* (da Gália) e também à vogal -i- que rege para outros compostos toponímicos do género, como *Cilicia*, *Poenicia*, etc. O resultado é que a forma *Gallicia* aparece já em documentação romana tardia (séc. V), e as aparições de *Gallecia* e da ré- latinização *Galletia* parecem ter mais a ver com erudições dos escribas do que com questões fonéticas.

A partir do tardolatino *Gallicia*, a evolução normal para o galego-português é Galiza, com simplificação normativa da lateral geminada /l/ e com redução do ditongo -cia em -za do mesmo modo que se produz noutros pares como *gratia* > graça. A desaparecimento desse iode é genérico em galego a respeito da sua conservação em castelhano, como se vê noutros exemplos: França / *Francia*, Alemanha / *Alemania*, juízo / *juicio*, etc. Em castelhano, nem se produz simplificação do -ll- nem leniçom do iode, e o resultado normativo é *Galizia*, grafado *Gallicia* (co seu gentílico *gallego*), que só passa a Galicia por atração do topónimo na língua original, onde resolveu diferentemente a geminação do /l/.

O facto de aparecer a forma *Galicia* na documentação galega moderna só se deve à situação de subalternidade que também generaliza o gentílico *gallego* e tantas outras palavras introduzidas numa literatura em recuperação que desconhece inicialmente o esplendor medieval. Tomar essa presença moderna como toda base para assegurar que Galicia é também forma galega equivale a basear-se num erro do qual, provavelmente, as autoras e autores do Resurgimento nom tinham responsabilidade nengumha, e querendo ocultar aí os interesses políticos que estão por trás de todo isso, no fundo.



# A FOTO

Rute André

E já vam dez anos de Gentalha do Pichel. Dez anos em que um grupo de compostelanas e compostelanos dispostas a fazer ativismo cultural conseguimos levar adiante este projeto.

Com muito esforço, mas sobretudo com muita esperança continuamos com as atividades, os cursos, as palestras, os obradoiros, as foliadas, os concertos, as festas... atividades próprias ou de outros coletivos que complementam o nosso projeto com a sua participação e sem os quais o labor da Gentalha nom teria sentido.

Para celebrá-lo, compugemos um calendário formado por imagens simbólicas e definitórias do nosso projeto, refletindo áreas de trabalho como som a língua, figuras referentes do galeguismo, valores como o respeito polo ambiente ou polo feminismo, elementos significativos do centro social, a nossa música tradicional, os cursos, os desportos e a recuperaçom da nossa memória como a representada pola figura do Apalpador...

2013 foi um ano cheio de desafios para todas nós, e com grande esforço e ajuda de muitas pessoas que nos apoiam conseguimos renovar o nosso local social. Agradecemos todo o apoio recebido durante estes dez anos e aguardamos continuar a avançar no ativismo cultural autogerido.

As imagem fôrom tomadas no centro social e, como amostra, a imagem que vemos é umha das 12 que formam o calendário; neste caso falamos do meio natural e da defesa deste que se fai no Pichel a través da comissom de ambiente.

Aguardamos que gostedes.



## CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

Susana Sánchez Arins é poeta, blogueira e professora. Em 2009 recebeu o Prémio de Poesia Pérez Parallé pola obra [de]construção, editada pela Espiral Maior. Desta volta visita o Novas da Galiza para nos apresentar uma redação escolar. Vá por diante a boa nota.



## Redação escolar por Susana Sánchez Arins

quando chega o inverno  
a mamai diz-nos para pedir sacos plásticos  
sempre  
ao irmos aos recados  
não ao gadis ao froiz ao dia  
[aí custam dinheiro]  
mas à de Lúdia, à santiaguesa à de fina batám.  
depois, quando chove no inverno, em plásticos empacotamos os pés  
e podemos brincar nas poças sem medo a molharmos as botas os sapatos  
os ténis de fazer ginástica.

quando chega o inverno imos à lenha às pinhas  
a apanhar gharabulhos picão cortiça  
[os vizinhos sabem não há problema]  
e passamos as tardes na quentura da cozinha.

por isso, quando chega o inverno,  
eu recupero o alcume esquecido no verão, e volto a ser a tabaqueira,  
porque seique cheiro a fumaça de velha cozinha de ferro  
ao redor da que passamos os toldados serões quando chega o inverno.

o mau é que se chove, no inverno, não há lenha  
[ou é pouca ou está molhada]  
e não há quentura de cozinha em que refugiar-nos  
dos toldados serões e desluzidos.

quando chega o inverno jantamos na escola e eu não gosto.  
a mamai diz ser mais saudável e pondera a sobremesa  
por vezes de pudding por vezes de biscoito  
mas a mim nunca me incomodou a cunca de sopa com pão  
o pão molhado na cunca de sopa  
nem sentir a morna liquidez do caldo a fervilhar-me na gorja  
quando a humidade é tanta chegado o inverno.

quando chega o inverno dançamos como loucas  
justo antes de irmos para a cama  
a mamai põe o cd dos bluebrothers  
todo são risos e chimpos  
para acabarmos sufocadas entre lençóis de felpa  
no beliche do quarto.

às vezes dormimos juntas  
quando é inverno e vai muito frio.

quando chega o inverno, vem com ele a consciência.  
a consciência de que 426 euros não dão para manter crianças  
quando chega o inverno.

Redação escolar de susana sánchez arins está licenciado com uma  
Licença Creative Commons - Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.



## LÍNGUA NACIONAL

# Uno, duo ou trino

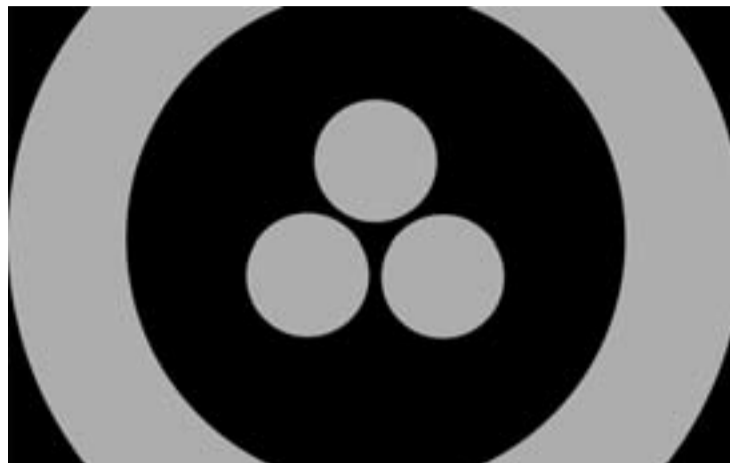
Valentim R. Fagim

Um subproduto de deus é a certeza. Não levamos bem que não haja nada debaixo dos pés. Talvez por isso a ciência véu a ocupar em muitas pessoas o lugar deixado por deus. Disto não se livra, porque o havia de fazer, a língua.

É habitual nos procelosos debates internáuticos atacar a pouca cientificidade de uma afirmação ou apelar à Filologia como um Salomão do século XXI a dirimir se A e B são, ou não, entidades diferentes. Pobre filologia, invocada para resolver o que não pode. Pobres filólogos queridos como

popes para dar a sua bênção. Bom, nem tão pobres que alguns adoram o papel, seja dito de passagem. Deve ser difícil renunciar ao poder das togas.

Nas últimas semanas várias músicas vêm à minha cabeça. Parece que mudei de tema mas apenas o parece, um bocado de paciência. Vou a caminhar e o Spotify da minha cabeça canta: “Eu sou um rapazinho, Embora pequenino, Tenho muito tino, Sou o Ruca”. Passado um tempo a playlist deixa sair “olá amigo, já estamos aqui, somos os caricas, vamos brincar”. Se não bastasse, a seguir soa: “Fum ao mercado comprar café e a formiguinha picou-me no pé”. Enfim, é o que che tem ser pai. Co-



mo? Que mudei de tema? Não, vais ver que não.

Deixávamos atrás aos filólogos salomônicos, com as suas togas e as suas espadas a decidir se galego e português e brasileiro são Uno ou Trino ou Duo. Que tal se deixamos passagem aos sociólo-

gos, aos politólogos, aos economistas, aos programadores culturais, aos músicos, aos encenadores e a tantos outros opinarem sobre o tema? Que tal, ainda melhor, se perguntamos aos galegos e as galegas como vivem as sua língua? Uns como zero, outros como uma

É habitual nos procelosos debates internáuticos invocar cientificidade ou apelar à Filologia como um Salomão do século XXI a dirimir se A e B são, ou não, entidades diferentes

vaga companhia, outros como o eco das aldeias, outros como o crisol da nação galega “só para nós”, outros como uma vantagem curricular, outros como o universo em que querem educar os seus filhos para além dos limites que nos inculcaram, a incluir o Brasil, Angola ou Portugal. E todos vivemos no mesmo país. Pobre Salomão.

## CINEMA

# CINEUROPA 2013

Julio Vilariño

Mais um ano pudemos gozar no mês de novembro do Festival de Cineuropa, com um calendário um bocado mais curto do habitual, de apenas 22 dias. Já com 27 anos às suas costas, a mostra compostelana mantém muitos dos sinais de identidade fraguados com os anos, como umha secção oficial que dá cabida ao cinema *de qualité* e aos grandes títulos europeus do ano, e múltiplas ramificações dedicadas ao documentário, à música, a retrospectivas várias e ao cinema feito na Galiza. Apesar da diminuição da duração, a quantidade de obras a projetar continuou a ser semelhante à dos últimos anos, portanto muitos dos filmes, especialmente das secções paralelas, vírom reduzido o número de projeções. E o problema, como vem sendo habitual, é que este excelente catálogo de títulos nom se ajusta às deficientes condições de projeção.

A principal novidade da mostra foi a passagem do celuloide para a projeção digital como formato preferido. Por um lado, isto impede a chegada de certos fil-

mes num estado de degradação material mui avançado que as distribuidoras alugavam de jeito impune, mas, polo outro, mostra o escasso cuidado que muitas produções tenhem no momento de elaborar as cópias em DCP para as projeções públicas: digitalizações com más compressões, entrelaçados exagerados e umha série de novos defeitos que substituem os já conhecidos do celuloide. A estes males endémicos da distribuição neste país acrescenta-se também o escasso cuidado com que este festival sempre obrou: problemas com o som em muitos filmes, mudanças de formato evidentes, manchas nas objetivas dos projetores claramente visíveis nos ecrãs, filas intermináveis, inescusáveis demoras acumuladas todos e cada um dos dias (às vezes até a madrugada), erros nos programas...

Neste ano, fôrom utilizadas cinco salas para apresentar os filmes, das quais só duas (ou três, sendo generosos) atingem o mínimo de condições de projeção exigíveis para um evento a que se lhe pressupom tal envergadura. O Teatro Principal e o Auditório da Galiza reúnem com efeito esses requisitos mínimos e, além dos poldros de tortura que foram



colocados como assentos depois da sua reforma, o Salom Teatro nom deveria ter maiores problemas para acolher este tipo de projeções. Mas é totalmente inaceitável que um festival ou mostra aceite projetar filmes em lugares tam absolutamente deficientes em termos de imagem, som e comodidade como o Auditório da Fundação Nova Caixa Galicia ou o CGAC. Mentres tudo isto acontece, a direção e os colaboradores do festival falamos com total desvergonha do seu amor polo cinema.

E, como o cúmulo, a drástica

redução de orçamento, que, ainda que nom afetou o número de filmes escolhidos, significou umha redução dum pessoal que, muitas vezes, nom dava abasto e concentrou numa só bilheteira a venda de entradas para todas as salas (a mais da *venda on-line*). Moral da história: é melhor eliminar cinco postos de trabalho temporais do que reduzir a programação em dous ou três filmes. Mui ajeitado para um festival em que o seu diretor presunuiu de firme compromisso político (“*nom como certa esquerda descafeinada*”, nas suas pala-

bras) em várias apresentações, esquecendo que fiço o impossível por nom fechar as salas durante a greve geral de 14 de novembro de 2012, finalmente clausuradas por um numeroso piquete.

O êxito de público foi notável, especialmente nos filmes da secção oficial, cousa compreensível numha Compostela que só dispom de ecrãs grandes em uso nas salas múltiplas das Cancelas. Os multicinemas Valle-Inclán, os Compostela, a Sala Iago, a sala da Fundação Caixa Galicia na Carreira do Conde, mesmo as salas de jornalismo e do Auditório do Campus Vida da USC, estão completamente paradas. O governo municipal, no entanto, fai o surdo perante umha população que reclama continuamente umha reativação dos ciclos de cinema em versom original que há anos tinham lugar mensalmente no Teatro Principal. O Alcalde (e, nom esqueçamos, ve-reador de cultura), numha incrível mistura de ignorância e cinismo, diz que já considerárom reativar o Principal ou utilizar o Auditório da Fundación NCG na Caldeiraria – auditório que não tem projetor nem sala de projeção. Ridículo.